

OS ASPECTOS DA VIOLÊNCIA NA MÍDIA TELEVISIVA

ASPECTS OF VIOLENCE IN THE MEDIA TELEVISION

Heranir Fernandes de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba — IFPB/Campus João Pessoa

heranir.oliveira@ifpb.edu.br

RESUMO: Este artigo pretende discutir a forma como as emissoras de televisão da cidade de João Pessoa, na Paraíba, vêm mostrando aspectos ligados à violência urbana e rural dentro da programação jornalística. O presente trabalho mostra uma análise dos telejornais levados ao ar por cinco emissoras de televisão que operam em canais abertos na cidade. O comportamento em cena de alguns apresentadores, tidos como fenômenos televisivos, também foi avaliado. Na guerra pela audiência, alguns programas investem no sensacionalismo e em estratégias que vão de encontro à ética profissional. Tal comportamento já chamou a atenção do Ministério Público que demonstra interesse em combater os excessos.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Televisão, Ética, Jornalismo.

ABSTRACT: This article discusses how television stations in the city of João Pessoa, Paraíba, have shown aspects related to urban and rural violence within the journalistic programming. This paper presents an analysis of TV news programs which presents this kind of programs in five television station channels that operate in open channels in the city. In their search for getting the attention of the television viewers, some television broadcasts have made use of sensationalism and strategies that go against professional ethic. The behavior of some presenters on stage, who are taken as a television phenomenon, was also evaluated. In war for the audience, some television broadcasts have invested in sensationalism and strategies that go against professional ethics. Such behavior has drawn attention of Public Attorney Office that has shown interest in combating the excesses that have been displayed by the broadcasters.

KEY-WORDS: Violence, Television, Ethic, Journalism.

1. Introdução

A televisão ocupa o centro das atenções em milhares de lares, escritórios e empresas. Está presente em ambientes onde não há distinção de raça, credo, segmento econômico e ideológico. Ricos e pobres compartilham dessa espécie de janela aberta para o mundo, onde se pode acompanhar ao vivo, em tempo real, acontecimentos do outro lado da terra. A capacidade de integrar e articular vários gêneros discursivos espalhados pelos diversos tipos de programas oferecidos faz da TV o principal veículo de comunicação de massa do país.

Além de entretenimento, esse meio de comunicação tem mostrado uma realidade bastante questionada por pesquisadores e sociólogos: a violência. Até que ponto a banalização de atos violentos, exibidos diariamente, contribui para a formação de uma sociedade ainda mais desigual e desumana? Essa questão com certeza é mais antiga do que se imagina.

O ser humano sempre teve necessidade de se comunicar, de expressar suas emoções e transmitir suas ideologias. Das pinturas nas cavernas ao desenvolvimento das variantes da linguagem (oral e escrita), passando pelo aperfeiçoamento da prensa, foram muitas as conquistas das civilizações até se chegar à invenção da Televisão.

A origem da palavra Televisão vem do grego *tele* - distante e do latim *visione*- visão. Este conceito de “visão” à “distância” se popularizou no mundo a partir do início do século XX em Paris, durante o Primeiro Congresso Internacional de Eletricidade trazido pelo russo Constantin Perskyi. Dessa relação simbiótica nasceu um dos mais importantes meios de comunicação de massa.

Quando o canadense Marshall MacLuhan, sociólogo e pesquisador da Teoria da Comunicação, morto em 1980, criou o conceito de aldeia global, profetizou o poder que a Televisão iria representar. Uma tecnologia capaz de varrer o planeta em segundos de som e imagem em tempo real, e transformá-lo numa pequena aldeia, na qual todos compartilham da mesma informação. “[...] A televisão é um meio de comunicação que transforma a vida das pessoas: muda conceitos, forma opiniões, cria hábitos, inspira comportamentos [...]” (PATERNOSTRO, 2006, p. 20).

A televisão tem mesmo estes poderes, acompanha a evolução do mundo em minutos e segundos, jogando-o diariamente para dentro dos lares. Quando em 20 de julho de 1969 a população pela primeira vez pôde assistir pela TV a descida de um homem na Lua, o mundo nunca mais seria o mesmo. As distâncias seriam sepultadas de vez pela tecnologia. Vinte e dois anos depois, em 1991 na Guerra do Golfo Pérsico, o ataque americano a Bagdá foi visto em casa ao vivo e em cores por pessoas do mundo todo. Foi a primeira transmissão de uma guerra via satélite. Como esquecer também o fatídico 11 de setembro de 2001, que fez mexer os sentimentos e arrancar um grito de dor e revolta no ataque as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York onde morreram cerca de três mil pessoas. Cenas de uma vida moderna que mais pareciam saídas de um filme hollywoodiano. E tudo ali, ao alcance de um simples clique do controle remoto.

“A TV está em nossos lares e é uma faceta do nosso dia-a-dia que podemos desfrutar sozinhos ou em grupo. Sua presença pode ser uma fonte de contato humano e, devido ao seu entretenimento, ela é a principal fonte de informação para muitas pessoas” (KELLISON, 2007, p. 26). Segundo Russell Baker (apud KELLISON, 2007, p.31) “a Televisão foi o evento mais revolucionário do século. Em termos de importância, equipara-se à invenção da pólvora e da imprensa, que mudaram a condição humana nos séculos que se seguiram”.

2. Decodificação das imagens

Um ditado popular diz que uma imagem vale mais que mil palavras. Quem não se lembra de Charles Chaplin? O eterno vagabundo imortalizou um dos personagens mais famosos da história do cinema: Carlitos que virou ídolo de crianças e adultos contracenava com vários personagens sem dizer uma única palavra.

A imagem possui um poder manipulador, uma força que a linguagem verbal não tem. Este artifício encontrou na Televisão um aliado importante. Nesse contexto os pixels (é o menor elemento num dispositivo de exibição, como por exemplo, um monitor, ao qual é possível atribuir-se uma cor. De uma forma mais simples, um pixel é o menor ponto que forma uma

imagem digital, sendo que o conjunto de milhares de pixels forma a imagem inteira) nunca foram tão valorizados como agora na atualidade. A cada minuto somos bombardeados por uma grande quantidade de estímulos visuais.

Um dos grandes problemas está na decodificação das mensagens que constituem este veículo por parte do receptor. A assimilação desse repertório televisivo, no entanto, depende da vivência e da cultura de cada um de nós. A mensagem de um determinado filme ou programa pode parecer inocente, desprezível, mas em toda produção humana há o caráter ideológico. São espécies de mensagens subliminares, que passam despercebidas aos olhos menos aguçados e que formam o entendimento. Mas por trás da indústria da informação, há um universo determinado em chamar a atenção do público e mantê-la por tempo suficiente para garantir a sobrevivência das empresas.

Não é tão fácil, entretanto, captar a atenção de alguém e mantê-la. É particularmente desafiador quando o público-alvo torna-se dessensibilizado devido à exposição repetida à programação da televisão. A forma mais eficaz de prender a atenção de alguém é estimular uma resposta (CASTELLS, 1999, p. 34).

É aí que entram em cena os produtores, diretores, editores e demais profissionais capacitados para tornar esse feedback quase imperceptível. Alguns estímulos, no entanto são mais rapidamente assimilados pela mente humana que outros. A violência é um deles. Na vida real é comum as pessoas pararem as margens das rodovias para ver um acidente. Aguçados pela curiosidade, muitos se aglomeram em busca de respostas que às vezes nem a polícia tem. O que mais interessa para eles é ver as imagens, ser uma espécie de coadjuvante na cena.

A violência está realmente cada vez mais presente na vida de todos nós e se mostra de várias formas. Recentemente o site de notícias G1 da Rede Globo noticiou que uma professora de uma escola no interior do Paraná levou um susto em sala de aula. Numa inspeção de rotina no material dos estudantes, ela encontrou um revólver calibre 38 carregado com munição na mochila de um menino de um ano e meio de idade. Este fato chamou a atenção de pais e educadores no país e no mundo, e reacendeu a preocupação com a banalização da violência. Com o inchaço das metrópoles, a crise econômica, o elevado índice de desemprego e a retirada do Estado das políticas sociais, encontraram nas metrópoles brasileiras hoje, um verdadeiro quadro de guerra entre incluídos e excluídos sociais.

3. A Influência sobre as crianças

Em 2008 a UNESCO divulgou uma pesquisa sobre a violência na mídia realizada em 23 países, incluindo o Brasil, com cinco mil estudantes de 12 anos. Segundo Calado Neto (2011) o Estudo Global da UNESCO revelou dados preocupantes:

- ✓ A população infanto-juvenil de países considerados de “alta tecnologia”, que dispõe de maior acesso a meios eletrônicos de diversão (como TV e computador), tende a apreciar mais a violência, viva ela ou não em ambiente violento;

- ✓ Há uma relação entre a preferência por violência na mídia e a necessidade pessoal de estar envolvido em atos violentos;
- ✓ A mídia exerce um importante papel no desenvolvimento de orientações culturais, visões de mundo, crenças, valores e imagens (geralmente estereotipadas). O fato é que a TV domina a vida das crianças e adolescentes: 97 por cento delas assistem televisão regularmente (a média mundial é de 3 horas por dia, enquanto o Brasil apresenta uma das maiores taxas: 4,5 horas por criança e adolescente). Em consequência, elas tendem a confundir realidade e ficção.

Vários estudos mostram evidências de que o entretenimento violento é um fator causal na promoção de atitudes e comportamentos agressivos. Nesse universo as crianças são as maiores vítimas. A Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, adotada em 1989, fornece um conjunto de princípios em seu artigo 17, que trata da mídia. Esse artigo estabelece o direito da criança à informação e acesso às fontes, além de tratar da necessidade de encorajar o desenvolvimento de orientações apropriadas para proteger a criança de informações e materiais prejudiciais ao seu bem-estar. Dessa forma, os cuidados dos pais para com a influência da mídia sobre os adolescentes devem ser redobrados.

A violência é um retrato do nosso cotidiano, ela tem o poder de mostrar o quanto o Estado ou município estão estruturados, qual o grau de desenvolvimento e o nível sócio-cultural de determinada sociedade. Em muitos casos ela se manifesta em pequenos gestos e ações, e por parecer tão corriqueira acaba se tornando uma coisa banal. No entanto, é fácil observar o grau de espetacularização do noticiário na mídia televisiva e a relação com os fatos policiais. Na análise de qualquer telejornal, é possível perceber a presença cada vez mais frequente de reportagens com forte caráter apelativo, que chamam a atenção do telespectador.

Diante da Televisão os sentimentos são múltiplos. Há quem veja nas cenas de violência uma forma de aprender a se prevenir no dia a dia da bandidagem, outros encaram os fatos com medo e se retraem ainda mais, tornando-se uma espécie de refém da vida moderna. Mas há aqueles que encaram os crimes e assaltos vistos pela telinha, como uma possibilidade de extravasar a violência contida no interior de cada um de nós. Para estes, o fato de um morador fazer justiça com as próprias mãos diante de um crime, por exemplo, revela o lado instintivo da reação, muitas vezes comemorado pelo cidadão, mas condenado pelas autoridades policiais.

4. O telejornalismo no país

No Brasil, os telejornais nos anos 50 seguiam o modelo do rádio e adotavam um estilo clássico, com texto “rebuscado”. Os apresentadores muitas vezes interpretavam os textos em voz alta (ou impostada). Segundo Rezende (2000) os jornais eram feitos basicamente direto do estúdio, devido às dificuldades em se fazer coberturas externas. Em termos visuais, todos eram semelhantes: cortina de fundo, uma mesa e uma cartela com o nome do patrocinador. A imagem, em preto e branco tinha qualidade inferior à do cinema.

Na década de 60 com a chegada do videotape, a TV dá um salto qualitativo e o telejornalismo inicia uma nova fase no Brasil. Mas o Golpe Militar de 1964 põe fim a este período de expansão, e os telejornais no país devido às interferências políticas passam a adotar o modelo norte-americano: os noticiários voltam a ser conduzidos exclusivamente pelos locutores, dispensando-se a participação de jornalistas como apresentadores.

No entanto entre os anos de 1969 e 1970, dois fatos vão dar início a uma nova fase no telejornalismo brasileiro: a criação do Jornal Nacional da Rede Globo, e o fim do Repórter Esso. Nessa mesma época, surge a Embratel — Empresa Brasileira de Telecomunicações que adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações, abrindo caminho para as redes nacionais de televisão. A partir dos anos 70 foi implantado também no país o sistema de cores híbrido Pal-M.

Na década de 80, com o lançamento de satélites de comunicação brasileiros foi ampliada a possibilidade de transmissão e recepção de sinais de televisão no país. Finalmente na década de 90 o aparelho de televisão passou a ser o eletrodoméstico mais popular nos lares brasileiros, seguido pelo rádio e pela geladeira, alcançando todas as regiões do país. (IBGE, 1991) Estava criada oficialmente a briga pela audiência. A partir daí começaram a proliferar programas considerados pelos formadores de opinião, como apelativos e de cunho popularesco.

A Constituição do Brasil no Capítulo V que trata da Comunicação Social, artigo 221, determina entre outras coisas que as emissoras de televisão no país mantenham respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. Princípios que nem sempre são respeitados, haja vista que a grande maioria das emissoras e redes de televisão tem no lucro seu principal objetivo. Nessa guerra, vale quase tudo, inclusive programações de apelo pela banalização da violência, o que compromete a qualidade dos programas.

5. O papel do showman na notícia

Na Universidade, o estudante aprendeu que sempre que o jornalista escrever para a TV deve lembrar que está contando uma história. É a chamada busca pela linguagem coloquial, do cotidiano, sem proselitismos, sem palavras de difícil compreensão. E quem atua como fio condutor destas mensagens é o apresentador. Se no passado esta figura era tida como um mero leitor das notícias diante das câmeras, hoje em dia, este profissional participa cada vez mais da elaboração e da forma como é veiculado o conteúdo jornalístico. Há uma maior interferência dele no telejornal.

A credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores. Embora possam ser considerados, como em qualquer outro formato televisual, a “cara” do programa que comandam, os apresentadores do telejornal constroem sua imagem numa constante tensão entre a propalada exigência de “objetividade” e discrição da prática jornalística e a autopromoção e glamorização inerentes à televisão. (BRITO, 2008, p.127)

O estilo opinativo de comentar as notícias, introduzido no país no começo dos anos 90 por Boris Casoy ganhou atualmente uma dimensão maior, com pitadas de humor e muito sensacionalismo. O fato é que na busca por uma maior desenvoltura na frente das câmeras, excessos são cometidos.

Na cidade de João Pessoa alguns apresentadores de programas em sua maioria de cunho violento, e levados ao ar no horário do almoço, transformaram os estúdios em ambientes onde não faltam a dramaticidade e a teatralidade. Outro fato observado é que como alguns destes profissionais migraram do rádio direto para a TV sem nenhum preparo anterior, trouxeram vícios de linguagem e condutas cada vez mais questionados. Por outro lado há aqueles que foram contratados pelos agentes televisivos e orientados diretamente a fazerem da notícia um show a parte. Tudo isso para alavancarem a audiência nos respectivos horários. Nesse contexto, são comuns os erros gramaticais, e por que não dizer, conteúdos com pobreza de vocabulário, e às vezes de baixo calão.

O que mais chama a atenção é a espetacularização desses profissionais. Alguns não se limitam apenas a mostrar nas reportagens, determinadas cenas mais impactantes, pelo contrário, fazem questão de repeti-las e comentá-las exaustivamente. Para atrair a atenção do telespectador eles apostam em outros recursos: dançam em cena, se jogam no chão, usam elementos como bastão ou cajado — objetos que reforçam a ideia de comando e repressão a violência.

Aliado a isso estão recursos técnicos introduzidos nos programas. Áudios com frases de efeito pedindo justiça ou mostrando indignação, sempre no tom jocoso, são intercalados nas matérias ou veiculados enquanto o apresentador comanda o programa. A narrativa das notícias não obedece a regras. Quanto mais apelativa a notícia, ou tida como exclusiva, mais esta dominará o tempo televisivo. Nessa espécie de jogo de papéis, o apresentador se coloca no lugar do público e toma para si as dores da vítima.

Estes profissionais tidos como fenômenos televisivos representam uma espécie de ‘advogado do povo’ ou ‘defensor dos fracos e oprimidos’. Segundo pesquisas de opinião pública este tele populismo encontra mais adeptos entre as camadas C,D e E. O que se mostra na TV de violento, dizem estes apresentadores, é a realidade que bate a porta, que pode estar na casa do vizinho ou de um parente. Há uma espécie de identificação de valores. Para Brito (2008) “se o apresentador é, assim, alguém que lhe parece até disposto a fazer certas confidências, deve ser também um indivíduo que, na sua aparente franqueza, é merecedor também da sua confiança”.

É aí nessa relação de empatia que há uma simbiose do papel social (o âncora do telejornal) com a imagem pessoal (a imagem do comunicador). E o mercado sabe bem como explorar isso. Palavras como credibilidade e verdade passaram a ser associadas ao linguajar cotidiano dos apresentadores no ar, e se transformam em carros-chefe do marketing das empresas jornalísticas.

6. Análise dos telejornais

Em João Pessoa há cinco emissoras de televisão que operam em canais abertos: a TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo; TV Correio que transmite o sinal da Record; TV Tambaú que opera com o sinal do SBT; TV Arapuan afiliada da RedeTV

e a TV Clube retransmissora da Rede Bandeirantes. A briga por uma maior audiência é nos programas jornalísticos da hora do almoço, período de maior pulverização entre os telespectadores.

Entre as emissoras, quatro têm programas cujo conteúdo de notícias sobre a violência, seja urbana ou rural, supera em mais de 60% o restante das informações veiculadas no horário vespertino: A TV Tambaú com o Caso de polícia apresentado por Fábio Araújo, a TV Correio com o programa Correio Verdade apresentado por Samuka Duarte, a TV Clube através do Aqui na Clube comandado por Victor Freitas e o Cidade em Ação da TV Arapuan com apresentação de Jota Ferreira. A outra emissora é a TV Cabo Branco que exibe o programa JPB 1ª edição apresentado por Carla Visani e Bruno Sakaue. Esta última tem noticiário de conteúdo mais equilibrado, ou seja, as notícias policiais não são o carro-chefe do jornalismo.

Atualmente a linguagem jornalística nestas emissoras passa por um momento de transformação, mas a linha editorial de cada uma delas é bem visível. Para uma melhor avaliação do conteúdo jornalístico destas emissoras eu analisei os programas veiculados no período de 2 a 13 de julho de 2012 no horário das 11h45 às 13h10 de segunda a sexta-feira. Para cada dia um programa foi analisado, obedecendo à mesma sequência na última semana.

Neste estudo, foi observado que a TV Cabo Branco mantém um jornalístico que se aproxima dos princípios editoriais do padrão Globo de Televisão. O JPB 1ª edição levado ao ar a partir de 12h05, apresenta matérias diversificadas, ou seja, além de mostrar os fatos policiais mais importantes do dia, exibe também conteúdos ligados a economia, cultura e esporte. Porém ao exibir reportagens sobre a violência, tem o cuidado de não mostrar cenas de pessoas mortas, manchas de sangue, nem tão pouco entrevistas que atentem contra a moral e a dignidade humana. A conduta no ar dos apresentadores Bruno Sakaue e Carla Visani é respeitosa para com o telespectador. A dupla consegue uma boa interação sem apelar para recursos grotescos em cena.

O programa Caso de Polícia comandado por Fábio Araújo a partir das 11h45 na TV Tambaú, prioriza pela essência do nome do jornalístico, fatos ligados a violência na cidade e nas redondezas. Apesar do foco centrado no gênero polícialesco, as matérias exibidas têm boa edição, ou seja, resguardam imagens e sonoras mais impactantes que possam chocar o telespectador. O apresentador Fábio Araújo tem boa desenvoltura no ar e dependendo do momento, consegue ser enfático e brincalhão com o público que o assiste. Suas intervenções vêm atreladas a outros sistemas semióticos (tom da voz, expressão facial, gestos, etc.), porém são observados os princípios da moral e da ética.

O Cidade em Ação é levado ao ar a partir das 11h50 pela TV Arapuan. A realidade violenta da grande João Pessoa é mostrada num formato de programa dividido entre reportagens, sonoras, links ao vivo e stand ups (recurso usado quando o repórter aparece em cena relatando fatos sem ilustrar o texto com imagens). Na edição das matérias percebe-se o cuidado em desfocar imagens de corpos e a valorização de takes que mostrem policiais de arma em punho durante operações rotineiras. O apresentador Jota Ferreira, que também atua como repórter no telejornal, conduz o programa sem grandes destaques: uma apresentação linear com uma narrativa que remete ao estilo do rádio.

O programa Aqui na Clube de responsabilidade da TV Clube levado ao ar a partir das 12h30 aposta na descontração de Victor Freitas. Mas em alguns momentos do programa esta irreverência parece descambar para a inconsequência. Em um

trecho do programa exibido no dia 3 de julho, o apresentador fala um palavrão ao se referir a um preso integrante de uma quadrilha mostrado na reportagem. Em outro programa, durante uma entrevista gravada de um bandido preso, o acusado promete vingança a um comparsa. A banalidade da violência também é ressaltada por Victor Freitas depois de exibir uma matéria sobre a morte de um morador de rua. Apesar da polícia não ter pistas de quem cometeu o crime, o apresentador faz chacota da vítima, e diz que o fato tem ligação com traição por causa de uma mulher. Nas reportagens, imagens de corpos estendidos no chão e presos suspeitos não são preservadas.

O Correio Verdade exibido a partir das 12h10 pela TV Correio é o telejornal onde mais se observa na capital o modelo centralizado, ou seja, no qual o apresentador se coloca numa posição de hierarquia superior ao da notícia, dando a ideia de que o programa lhe pertence. Na condução do telejornal Samuka Duarte usa vários elementos para manter a atenção do telespectador: fala alto, gesticula, cai no chão e dirige o olhar diretamente para a câmera enquanto fala (close fechado), utilizando vocativos ou pronomes pessoais (“Você viu...”, “você sabe...”) para dar ideia de maior intimidade com o público. O apresentador também utiliza às vezes objetos em cena para reforçar a imagem de comando (faz uso de bastão, cajado ou cipó para animais). As matérias que mostram fatos ligados a violência costumam explorar imagens chocantes. O bizarro ou aquilo que não é comum na sociedade, ganha status de notícia e é bastante comentado pelo apresentador. Em um dos programas analisados, ele mostra o rosto de um homem acusado de estuprar uma adolescente e o chama de “tarado safado”.

Vale ressaltar que a conduta profissional dos jornalistas e dos veículos de comunicação é regida por um Código de Ética que existe há mais de 20 anos no país. Um instrumento importante no compromisso com a busca da verdade dos fatos e da isenção, que devem nortear os trabalhos desses profissionais.

O novo Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, atualizado no ano de 2007, resalta que é de direito fundamental do cidadão o acesso à informação, sendo de dever constitucional do jornalista informá-lo sem nenhuma restrição. Porém seu artigo 11 diz que estes profissionais não podem divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalistas ou contrários aos valores humanos especialmente em coberturas de crimes e acidentes. Mas, lamentavelmente, excessos e abusos permeados pela falta de ética têm comprometido a atuação da maior parte das emissoras de televisão em João Pessoa.

O que se percebe é que a notícia hoje em dia é tratada como uma mercadoria. Alguns meios de comunicação estão mais preocupados com a audiência do que com a realização de um trabalho profissional e ético. Isso abre caminho para o sensacionalismo, que talvez seja a mais antiga ferramenta para aumentar as vendas de produtos de comunicação, implicando dessa forma, numa opção editorial.

7. Campanha contra a baixaria na mídia

Em outubro de 2009 os Ministérios Públicos da Paraíba e Federal emitiram uma recomendação conjunta aos órgãos da imprensa local para que se abstenham de veicular programas que apresentem conteúdo de violência em horário vespertino ou matutino. Outra recomendação foi quanto a não exibição de imagens de pessoas detidas pela polícia, ou encarcerados sem a autorização deles ou de advogado, defensor público, juiz ou membro do MP. O documento também pede que a imprensa se

abstenha de mencionar o nome ou exibir imagens de crianças e adolescentes em conflito com a lei sem autorização dos pais ou responsáveis. O documento foi assinado pela promotora da Infância e Juventude de João Pessoa, Soraya Escorel e pelo procurador da República na Paraíba Duciran Farena.

Segundo as autoridades, a medida foi tomada porque as emissoras locais vinham exibindo programas inteiramente inadequados para o horário, em especial programas policiais que mostravam cenas e relatavam casos de violência, mortes violentas, agressões físicas, prisões e outras situações degradantes. Preocupados com o baixo nível dos programas jornalísticos na Paraíba, surgiu em 2010 o Fórum de Ética e Mídia. O movimento encabeçado pela Ordem dos Advogados do Brasil seção Paraíba, tem apoio do Sindicato dos Jornalistas, da Associação Paraibana de Imprensa, CUT, do Conselho Regional de Psicologia, Conselho Regional de Serviço Social, Conselho Regional de Medicina e Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações.

Segundo o advogado Alexandre Guedes, membro da comissão do Fórum de Ética e Mídia na Paraíba, as maiores violações das emissoras de Televisão de João Pessoa dizem respeito ao princípio da dignidade humana, que fere o direito da imagem do cidadão. Para ele, alguns programas televisivos fazem apologia ao crime onde a notícia avilta a dignidade humana e é colocada como um produto de ascensão barata da audiência. Alexandre lembra que o Fórum está sendo recomposto, e há pretensão de criar ainda neste segundo semestre de 2012 o Comitê de Monitoramento do Programa Nacional de Direitos Humanos. De acordo com o advogado, depois que o Fórum de Ética e Mídia foi criado, o Ministério Público já advertiu duas empresas jornalísticas no estado: o Sistema Correio de Comunicação foi autuado e houve uma representação contra a TV Arapuan.

No Brasil a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados em parceria com entidades da sociedade civil lançaram em 2002 a campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”. No site <<http://www.eticanatv.org.br>> é disponibilizado um ranking de denúncias contra programas que desrespeitam os direitos humanos na televisão. De acordo com o último balanço divulgado, no período de 06/05/2010 a 15/12/2010 foram 892 denúncias fundamentadas no país. O programa Pânico na TV (Rede TV) apresentou o maior número de queixas. Segundo o site que promove a campanha, o referido programa contabilizou 113 denúncias por exposição de pessoas ao ridículo, humor grotesco, excesso de nudez e palavras de baixo calão.

A pretensão do Fórum de Ética e Mídia na Paraíba é elaborar em breve um ranking com as denúncias de telespectadores insatisfeitos com a qualidade e a falta de ética da programação televisiva no estado.

8. Conclusão

A televisão é um dos instrumentos de comunicação mais poderosos e de grande capacidade de mobilização social na atualidade, pela capilaridade do seu alcance e pelo fascínio que exerce sobre as pessoas. Daí a importância de serem questionados a forma e o conteúdo veiculado por este veículo dos vários tipos de violência.

A exposição do público às frequentes cenas de violência, reais ou fictícias, pela mídia, pode interferir na postura comportamental e nas relações sociais? O fato é que os reflexos e as consequências dessa ação na vida das pessoas ainda não foram totalmente mensurados. Mas há um consenso entre especialistas, de que há muito está caracterizada a relação de causa e efeito entre a violência exibida pelos meios de comunicação de massa e a futura prática de atos violentos pelos espectadores. A mídia que deveria ser uma espécie de espelho das contradições e conflitos na sociedade costuma banalizar a informação em detrimento de uma maior audiência.

A violência na mídia televisiva, objeto de análise desse trabalho, se caracteriza como um fator constante na disputa pela audiência nos canais abertos dos programas vespertinos de João Pessoa. As cinco emissoras observadas - TV Cabo Branco, TV Correio, TV Tambaú, TV Arapuan e TV Clube - têm travado uma guerra televisiva pela preferência do telespectador. Entre elas, apenas a TV Cabo Branco, mantém um jornalístico na hora do almoço onde as notícias relativas à violência não dominam o noticiário.

As cenas de violência mostradas nas reportagens apresentam tratamentos diferenciados. Enquanto a emissora afiliada da Rede Globo apresenta uma conduta ética, não exibindo takes de pessoas mortas e imagens sensacionalistas, as outras quatro emissoras costumam abusar de tais recursos.

Para encontrar um diferencial no mercado as empresas também têm apostado numa linguagem jornalística cada vez mais coloquial. Nessa tarefa, um dos responsáveis é o apresentador de televisão. Em quatro emissoras- TV Correio, TV Tambaú, TV Arapuan e TV Clube - os apresentadores usam recursos em cena para atrair ainda mais a atenção do telespectador: voz alta e gesticulação. No entanto o mais grave é a forma despojada e, às vezes, antiética como alguns destes profissionais comentam as notícias ligadas à violência. Os casos mais preocupantes foram constados nos programas da TV Correio e TV Clube. O resultado disso são imagens impactantes e até palavrões protagonizados no ar.

Preocupado com a baixaria na mídia televisiva em João Pessoa, o Ministério Público intercedeu e notificou duas emissoras. Mas é preciso uma vigilância maior diante da realidade que é observada na prática. Algumas empresas jornalísticas têm desrespeitado as normas, e aos poucos, acrescentado elementos que tornam os programas cada vez mais sensacionalistas. Nessa luta é preciso o envolvimento de todos: Governo, emissoras e a sociedade civil.

Para finalizar, fica a ideia de que as famílias precisam estar mais atentas aos programas aos quais são expostos nossos filhos. Aqui não vai nenhuma apologia a censura, mas a sociedade tem o direito de exigir das autoridades uma forma de controle do conteúdo destas emissoras e dessa forma evitar inadequações nas transmissões. Afinal de contas está em jogo a formação de gerações. Por enquanto o que se pode fazer é bloquear alguns canais e programas pelo controle remoto e dessa forma garantir uma programação de qualidade nos nossos lares.

9. REFERÊNCIAS

BRITO, Yvana Fachine. O papel dos apresentadores de TV: uma abordagem semiótica a partir do telejornal. **Animus — Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 7, n. 13, p. 127-142, jan./jun., 2008.

CALADO NETO, Aloísio Barbosa. Violência na mídia: prevenção e redução. **Âmbito Jurídico**, v. 14, n.93, out. 2011.
Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10413>.
Acesso em: 17 jul. 2012.

CARLSSON, Ulla; FEHLITZEN, Cecilia Von. **A criança e a violência na mídia**. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130873por.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 698 p.
CARVALHO, F. F. **A mídia telejornalística Jornal Nacional: gênero noticioso informativo ou espetacularizado?**. 2006. 61 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social — Jornalismo) — Universidade Federal de Viçosa, Viçosa/MG, 2006.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em:
<http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Séries Históricas e Estatísticas**. Disponível em:
<<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/default.aspx>>. Acesso em: 12 jul.2012.

KELLISON, Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo: uma abordagem prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. p. 26.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. p. 20.
PIGNATARI, Décio. **Signagem da Televisão**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 191 p.
REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000. 298 p.

WIKIPÉDIA. **Pixel**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pixel>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

WIKIPÉDIA. **Televisão**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Televis%C3%A3o>>. Acesso em: 2 jul. 2012.